

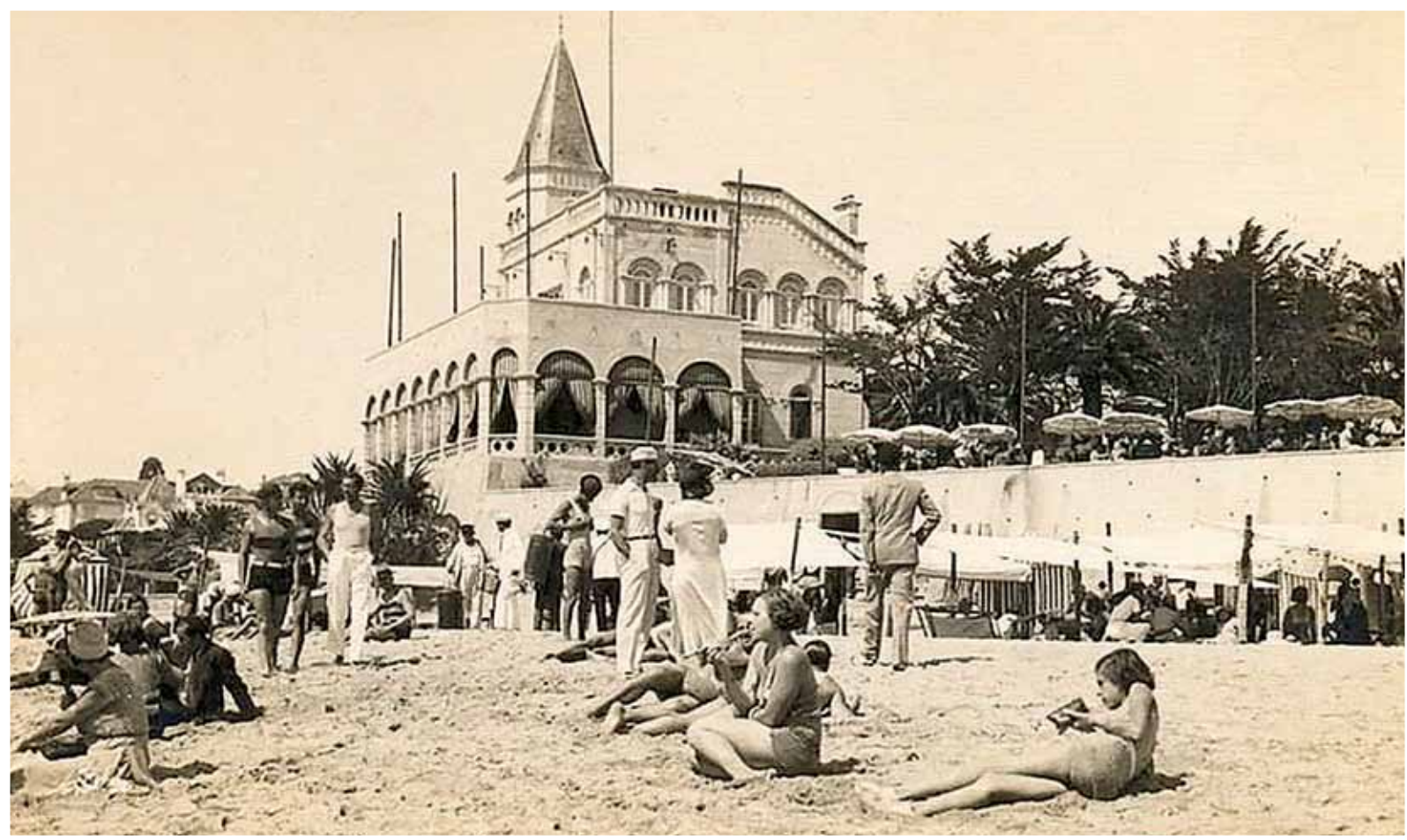


ATLÂNTICO ESTORIL

Residence



ATLÂNTICO ESTORIL
Residence



“O primeiro Estoril que apareceu, o Estoril-pai, foi o do meio – Santo António do Estoril. Lá tem ainda a sua igreja e as suas casas velhas, entre os chalets novos (...). Dele nasceram dois filhos: um, à direita, chamado Monte Estoril, e feito pela alta burguesia; outro, à esquerda, chamado S. João, e feito pela burguesia modesta.”
“Enquanto o Monte Estoril fazia um parque elegante, sombreado, de ruas de areia fina, S. João fazia as suas ruas a Mac-Adam, e discutia a mão-de-obra das suas casas.”
“Enquanto o Monte salpicava o seu pinhal de chalets, esbeltos como os chalets de Cannes, S. João fazia os seus como fosse mais barato e punha-lhes por fora os nomes de suas filhas ou de suas cara-metades.”
“O Monte iluminava-se a luz eléctrica! S. João contentava-se com o petróleo. “O Monte levantava um grande Casino, armava roleta luxuosa, dançava cotillons, com marcas de Paris, jogava lawn tennis, tomava banhos ao meio-dia, em toilettes complicadas. S. João dançava polcas no edifício dos Banhos de Poça, jogava croquet quando se sentia vicioso, vestia um fato de banho de baeta vulgaris e tomava o seu banho, lavando os ouvidos para não gastar em casa a água doce.”

António Bandeira in revista Portugal-Brasil, 1899

“O Hotel Atlântico, na década de trinta, estava instalado no palacete da família Barahona, inicialmente uma casa edificada por Alfredo Ribeiro, em finais do século XIX. (...) Francisca Barahona vendeu a casa ao Visconde de Malanza que, por sua vez a passou ao sogro de Fausto de Figueiredo que a veio a herdar. No início da década de trinta, sob a gestão do casal Vera e Ferdinand Mouths (Vera Mouths provinha de uma família holandesa de hoteleiros), o edifício veio a transformar-se, então, no Hotel Atlântico. Em 1939, devido a dificuldades financeiras, foi vendido a António Maria Lopes, um industrial do Norte. Segundo Ferreira de Andrade, em 1942, o hotel teve a sua primeira reconstrução, com o aumento de dois andares.”

in Grande Hotel e Hotel Atlântico - Boletins de Alojamento de Estrangeiros 1939-1944, Câmara Municipal de Cascais, Maio, 2005

Monte Estoril O berço do turismo português

“Costa de Santo António” ou “Pinhal da Andreza”, hoje “Monte Estoril”, no início do século XIX, era um lugar onde fileiras cerradas de árvores se espriavam até ao mar. Teimosamente dependurados nas atrevidas falésias, ou a beijar as areias salgadas, os pinheiros viviam um apaixonado desvario atlântico.

No início do século XX, a paixão pelo lugar, que etimologicamente deriva da palavra “estéril”, também tomou conta de Fausto Cardoso de Figueiredo, um farmacêutico que começava a destacar-se como administrador da Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses.

Inspirado pelas observações que foi fazendo nas viagens que realizou pela Europa, e durante os breves anos que viveu em França, o visionário empreendedor, que fugiu de casa dos pais, no Baraçal (Celorico da Beira), com apenas 11 anos de idade, logrou, passo a passo, construir uma realidade que, então, para muitos, mais não era do que um devaneio megalómano – transformar as matas estorilenses numa das regiões turísticas mais

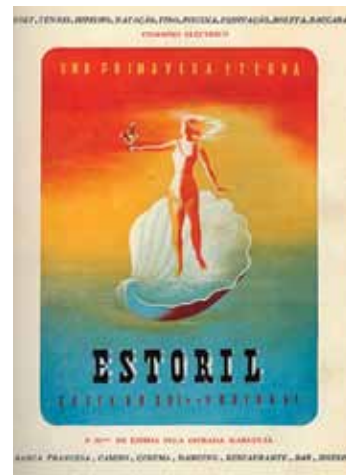
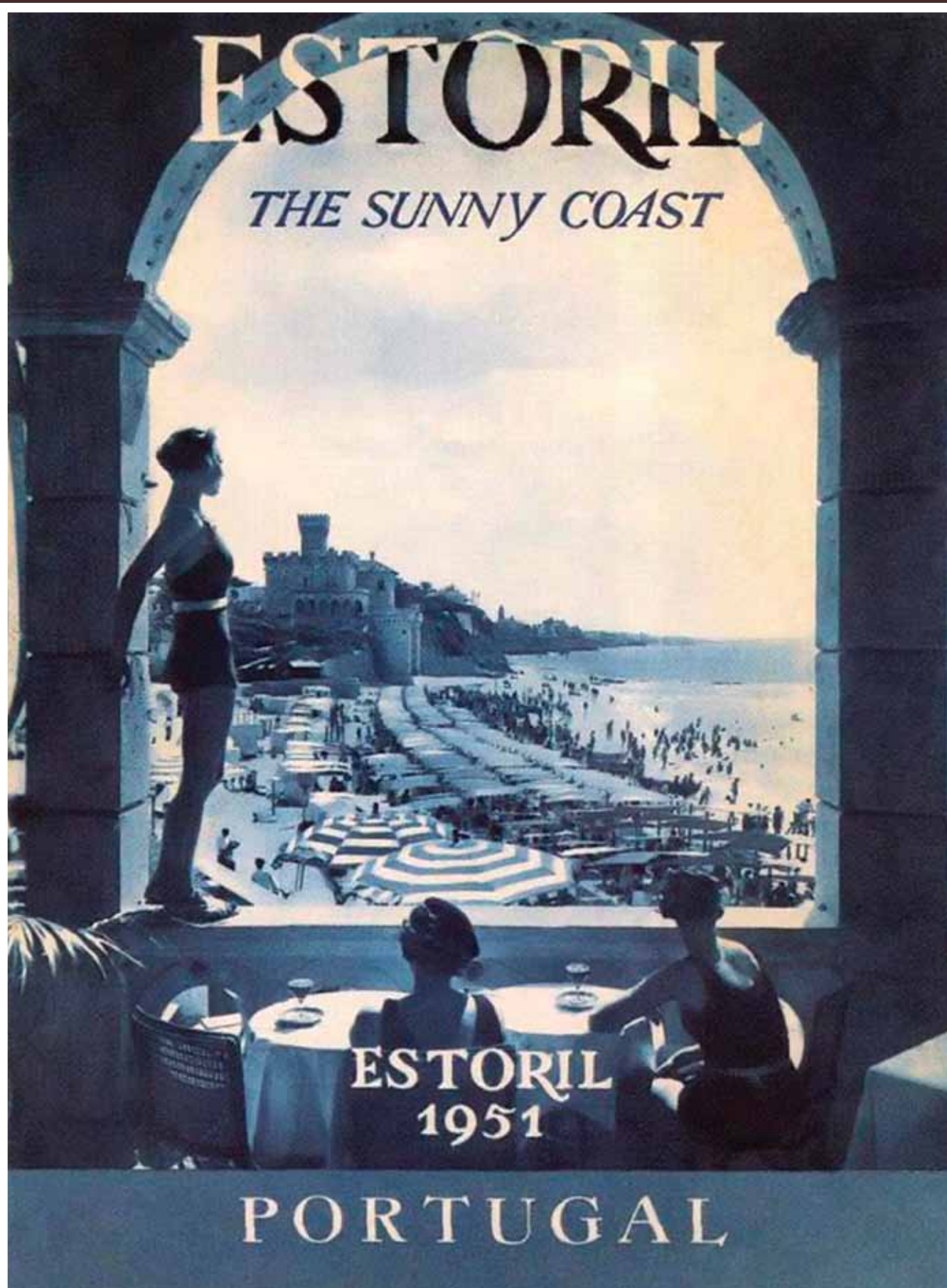
elegantes do mundo, paragem obrigatória do bom gosto europeu e do requinte continental.

Não surpreende que “Pinhal Manso”, no Monte Estoril, tenha sido o nome escolhido para baptizar o elegante *chalet*, que partilhou com a mulher, Clotilde Ferreira do Amaral, entre 1910 e 1950, e onde escreveu páginas decisivas do empreendedorismo lusitano.

No final dos anos 40, com o sonho praticamente cumprido, Fausto de Figueiredo explicou os motivos da ambiciosa empresa: “A transformação do Estoril constitui, para mim, o maior sonho da minha vida e à sua realização me consagrei, julgando assim, prestar um serviço à minha Pátria.”

A inauguração do troço de caminho-de-ferro Pedrouços-Cascais ocorreu a 30 de Setembro de 1889, tornando mais curta a distância que separava a vila da capital. Todavia, era preciso mais arrojo e visão. Assim, trinta anos depois, foi necessária a







intervenção de Fausto Figueiredo para assegurar a electrificação da linha de caminho-de-ferro até ao Estoril. Nos seus planos, aquela deveria ser a última estação do percurso Paris-Lisboa, realizado regularmente pelo Sud Express. A guerra civil espanhola e a segunda guerra mundial coibiram que a ambição se concretizasse.

Tal não obviou, porém, que a excelência do criador da “Costa do Sol”, hoje “Costa do Estoril”, fosse apreciada e reconhecida pelos altos dignitários da política, da economia e da sociedade. Primeiro portugueses, depois estrangeiros.

No Monte Estoril, o pedaço mais nobre dos “estoris”, duas referências da época construíram ou compraram casas apalaçadas. Na “Quinta das Águas Férreas”, palacete “Vista Longa”, instalou-se a rainha Maria Pia, com a família real e boa parte do seu séquito. O fundador da Companhia União Fabril (CUF), Alfredo da Silva, ocupou durante muitos anos outro palacete, amarelo, edificado na mesma quinta, sobranceira à mata da Casa de Palmela. Nas redondezas, na vivenda “Montsalvat”, viveu o célebre pianista português Alexandre Rey Colaço.

No primeiro quartel do século XX, estas tendências económicas e sociais

confirmaram a pujança do futuro ex-líbris do turismo nacional. Para além das afamadas propriedades termais das águas de Santo António do Estoril, outras características rapidamente valorizaram o potencial turístico das praias e florestas que se espraiavam até ao Guincho. Começava a fazer sentido projectar o triângulo Lisboa-Sintra-Cascais no mapa-mundo do lazer e do cosmopolitismo. Aristocratas e uma mão-cheia de magnatas encarregaram-se disso.

No segundo, o Estoril, foi o cenário escolhido pelo príncipe japonês Takamatsu, irmão do Imperador Hirohito, do Japão, para passar a lua-de-mel. Corria o ano de 1930. Poucos anos depois, durante a Guerra Civil de Espanha e a II Guerra Mundial, nos hotéis, como o Atlântico, nas casas de chá e nos restaurantes da zona, escreveram-se páginas decisivas da história da Europa e do mundo.

Reis, generais, romancistas, bailarinas, actores e espões foram protagonistas de cenas imortalizadas em celulóide. No filme “Ao Serviço de Sua Majestade”, o 007 voltou a prestar inestimáveis serviços à Coroa Britânica, numa trama idealizada e escrita pelo seu criador, Ian Fleming, quando viveu no Estoril, no início dos anos quarenta.

Casamento Filha Rei de Itália, Maria Pia de Saboia com Príncipe Alexandre da Jugoslávia



Rei D. Juan Carlos - Espanha



Rei Humberto II + filha



“Um dia, os pais mandaram -me chamar ao colégio de jesuítas, onde estudava, e disseram-me que íamos viver para Portugal. Estávamos em 1947, e o meu pai queria estar o mais longe possível do comunismo, que estava a avançar. Para ele, Portugal ficava bem longe e era protegido pela Nossa Senhora”, recorda. Num comboio muito lento, atravessaram França e Espanha. Finalmente em Portugal, foram recebidos pelos seus congéneres: o rei de Itália, os condes de Barcelona, o rei da Roménia, exilados na Linha de Cascais. (...) Aqui sentimo-nos em casa.”

Josef von Habsburg, Casa Real da Áustria in Diário de Notícias, 13-06-2009

A Costa dos Reis

Herdeiro de uma das mais importantes dinastias europeias, Josef von Habsburg é descendente de Maria Antonieta, a Imperatriz Sissi da Áustria, e do imperador Francisco José. Nascido em Budapeste, em 1933, veio para Portugal, em 1947, onde permaneceu por longos períodos. Juntamente com a mulher, Maria von Löwenstein, em 1984, fixou-se definitivamente no Estoril, onde actualmente residem.

A sua ligação a Portugal é profunda e emocional. Católico, foi crismado pelo cardeal Cerejeira e manifesta-se profundamente reconhecido pela amizade e hospitalidade portuguesas quando a família se exilou no nosso país. “Foi uma altura muito boa das nossas vidas. Estudei no Colégio de Santo Tirso, onde fiz muitos amigos, que mantenho até hoje, e também estive no Colégio São João de Brito”, disse o aristocrata austríaco, em entrevista ao Diário de Notícias.

A família real espanhola também está indissolivelmente ligada ao Estoril, desde os anos quarenta. Juan de Borbón, pai do actual Rei de

Espanha, fixou-se definitivamente em Portugal, em Fevereiro de 1946, depois de um exílio na Suíça, a seguir à eclosão da Guerra Civil espanhola. Filho do rei Afonso XIII, o Conde de Barcelona viveu na Villa Giralda, no Estoril, onde abdicou ao trono, em 1977, oito anos após o chefe do Estado espanhol, Francisco Franco, ter designado o seu filho Juan Carlos Alfonso Víctor María de Borbón y Borbón-Dos Sicilias como príncipe herdeiro para a restauração da monarquia.

“Espanha é a minha pátria, Portugal o meu país”, disse Juan Carlos, num português quase perfeito, em Maio de 2008, durante a cerimónia de entrega dos Prémios Internacionais de Jornalismo Rei de Espanha, no parque do Retiro de Madrid. Na troca de impressões que na ocasião manteve com a fadista Mísia, filha de mãe catalã e de pai português, o soberano sublinhou que, apesar de ter nascido em Roma e vivido na Suíça, foi Portugal que lhe ficou “na alma”, onde passava as férias escolares e se iniciou na arte da vela.



Príncipe Carol e sua mulher Madame Lupesco da Roménia



Em 1991, aquando da sua primeira visita oficial a Portugal, o filho de Don Juan Carlos, actual herdeiro à coroa espanhola, Príncipe Filipe de Borbón, reafirmou a profunda ligação afectiva da Casa Borbón ao nosso país: “O Estoril e Portugal acolheram durante muitos anos, com generosidade e carinho, os meus avós e meu pai. Eu mesmo fui testemunha daqueles anos, durante a minha infância, quando visitei com frequência a Villa Giralda para disfrutar inesquecíveis temporadas de Verão.

À satisfação e alegria acresce por isso, neste caso, o agradecimento.”

Por cá, se mantém, até hoje, a irmã mais nova do rei, Margarita María de la Victoria Esperanza Jacoba Felicidad Perpetua y Todos los Santos de Borbón y Borbón-Dos Sicilias. A infanta, que também ostenta os títulos de Duquesa de Soria e de Hernandi, tem um sentimento idêntico. Passa boa parte do ano no apartamento que tem há várias décadas no Estoril, terra que diz conhecer “melhor do que Madrid”. Por cá, Margô, como é tratada pelos mais íntimos, faz uma vida simples e cultiva amizades de longa data.

Humberto II de Itália chegou ao exílio lusitano em 1946. Deposto 33 dias após ter sido coroado, o monarca escolheu Cascais para residir. O herdeiro da Casa de Sabóia, viveu durante 37 anos em Portugal tendo sido uma das personalidades estrangeiras mais visíveis e badaladas durante os anos 50 e 60. Freqüentador assíduo de eventos sociais e culturais, Humberto II dedicou-se aos negócios, com destaque para o sector do turismo. Partiu dele a iniciativa de nomear o célebre fabricante e comerciante italiano de gelados, Atilio Santini, cuja geladaria no Tamariz, nos anos 50, já era famosa em toda a Europa, como “Fornecedor Oficial da Casa Real de Sabóia”.

Em Maio de 1941, chegou o Rei Carol II da Roménia, que comprou uma residência discreta, a MarySol, no Estoril. Segundo relatos da época, o monarca fez furor na “Costa dos Reis”, como também era conhecida a região, quando mandou construir nos seus aposentos um enorme cofre para guardar as jóias da coroa romena e importantes documentos de Estado. Grande apreciador de música clássica, jardinagem e literatura, Carol II era também um filatelista de eleição. Segundo o próprio, o “selo mais caro do mundo” estava em seu poder.

Mas, nas chancelarias europeias e nos centros de poder lusitanos, Carol II era muito mais do que um monarca culto e dilettante. Era um quebra-cabeças que podia incomodar a estabilidade de vários regimes do continente. Em particular, o português. A sua inopinada entrada em solo português, ainda por cima via

Oliveira, ressuscitou os temores de uma tão improvável quanto indesejada restauração da monarquia. Com efeito, o ex-rei da Roménia era bisneto da nossa Dona Maria II. Do seu casamento com o príncipe alemão Fernando de Saxe-Coburgo-Gota, cunhado da Rainha Vitória de Inglaterra, nasceram Pedro V, Luís I (herdeiro de Pedro V, após a sua morte por doença) e Maria Antónia. A princesa casou com Leopoldo de Hoenzollern. Da união nasceu o rei Fernando da Roménia, pai de Carol II. Assim, o distinto refugiado romeno também poderia ser um descendente directo à sucessão da dinastia portuguesa. A troca de um exílio sereno e estável, o ex-monarca nunca invocou tal prerrogativa.

O almirante Nicolas Horthy de Nagybánya, regente do reino húngaro, entre 1920 e 1944, exilou-se no Estoril após ter sido uma das principais testemunhas no célebre Julgamento de Nuremberga, em 1948. Na sequência da sua deposição, um ano antes do final da guerra, então já no exílio estorilense, escreveu o livro de memórias “Ein Leben Für Ungarn [Uma vida pela Hungria].

Ainda hoje se atribui ao almirante Horthy a paternidade do costume de admirar o mar, a partir do paredão, entre o Estoril e Cascais. Dizem os mais velhos que, todas as tardes, o almirante húngaro cumpria aquele ritual com o rigor de um guarda pretoriano.





"Entre Junho e Outubro de 1940, os duques de Windsor permaneceram em casa do banqueiro português Ricardo Espírito Santo, no Estoril, tendo o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Von Ribbentrop, tentado utilizar a germanofilia do ex-rei britânico e da sua esposa americana, Wallis Simpson, para os 'remover' para a Alemanha ou para um dos países sob seu controlo. Nas suas memórias, Schellenberg afirmou ter sabido que o duque não acataria voluntariamente o plano e ter achado um contra-senso a ordem de o raptar. Esta ordem acabou por não ser levada adiante e, no dia 2 de Agosto de 1940, o duque de Windsor e Wallis Simpson partiram, de Lisboa, no navio «Excalibur», rumo às Bahamas, tal como pretendia Churchill."

in "Os anos de Salazar", Vol. 6 Paço, António Simões et al.

Romances e segredos

Longe da guerra e da terra, a coberto de fundamentalismos, exilados e refugiados viam Portugal como um oásis de tranquilidade e segurança num deserto fustigado por tempestades de ódio e intolerância. A neutralidade portuguesa, e a favorável localização geográfica, transformaram o país no local de eleição dos candidatos à fuga dos violentos teatros de operações da II Grande Guerra.

Para além dos aristocratas europeus e respectivos acompanhantes, a partir de 1939, a polícia municipal de Cascais registou mais de vinte mil entradas de cidadãos estrangeiros que, na sua maioria, pretendiam chegar ainda mais longe, à América, então considerado o continente mais seguro e promissor do mundo.

Os nomes de alguns ficaram na História. Da política à economia, passando pelo cinema, pela literatura, e pelas artes em geral, o Estoril foi um porto seguro para o trânsito de apelidos sonantes do mundanismo de então – Rothschild, Gulbenkian, Renoir, Saint-Exupéry, Fleming, Zweig, Greene, Maeterlinck, Keynes, Howard, entre outros.

Eles ajudaram a fazer jus à então costumeira designação daquele pedaço de charme em solo lusitano – a Riviera Portuguesa. Boa parte daquelas personalidades viveu por cá momentos inolvidáveis, alguns rocambolescos, no palco mundial da espionagem em que Portugal se transformara.

Foi o caso dos Duques de Windsor. O tórrido romance entre o rei de Inglaterra Edward VIII e a plebeia norte-americana Wallis Simpson precipitara a renúncia ao trono do monarca, em 1936, dividira a sociedade britânica e abalara o mundo.

No início de 1940, o casal vivia em Paris, no exílio, tentando sarar as feridas da crise gerada por um casamento renegado pela monarquia. Perseguidos pelo destino, incapazes de evitar a curiosidade dos ubíquos fotógrafos e jornalistas, os Windsor rumaram a Portugal, em Junho, para escaparem à invasão da França pelas tropas da Wehrmacht e ao incontornável assédio mediático. Para além de terem beneficiado da hospitalidade do banqueiro Espírito Santo, estiveram hospedados no Hotel Atlântico.

Terá sido no Aviz, em Lisboa, durante um jantar, em 31 de Julho, que o Duque de Windsor rejeitou o



plano germânico para que reassumisse o trono. Os alemães terão, ainda assim, planeado raptá-lo para consumarem o desígnio do Reich de ter em Londres um rei pró-alemão. Os planos da Gestapo foram gizados no Hotel Atlântico, onde a colónia de deslocados pró-alemã era numerosa e influente.

Consta que Walter Schellenberg, a mão direita de Himmler nas SS, juntamente com o japonês Kijuro Suzuki, tentou aliciar Eduardo, na sala de jogo do hotel, para uma caçada em Espanha, onde seria raptado e transportado para Berlim, às ordens do Reich. Ao que parece, foi um agente triplo, o jugoslavo Dusko Popov, ligado aos serviços secretos ingleses, quem informou Londres sobre os planos de Berlim, dando ao primeiro-ministro Winston Churchill os ingredientes necessários para cozinhar, com sucesso, a retirada estratégica dos Windsor do Estoril para as Bahamas.

O historiador norte-americano Douglas Wheeler usou o termo “spyland” [terra de espões] para descrever Portugal durante a guerra. De facto, se o papel da hotelaria estorilense nos secretos desígnios dos agentes das potências beligerantes foi farto em casos também não foi avaro em pormenores.

“No Estoril, os alemães escolheram o Hotel Atlântico (...) e o Hotel do Parque. O Grande Hotel da Itália, no Monte Estoril, e o Hotel Palácio eram os preferidos dos Aliados. Neste último, estiveram alojados, além do já referido Dusko Popov, o agente duplo Juan Pujol (Garbo) e Nubar Gulbenkian, filho de Calouste, também frequentador do Aviz, que trabalhou para os serviços secretos britânicos, MI6, em ligação com Donald Darling (Didi). Passaram ainda pelos hotéis da Costa do Sol, “Kim Philby”, do desk ibérico do MI6, e Ian Lancaster Fleming, (em Maio de 1941), criador de James Bond [007], que trabalhou para o Naval Intelligence Department, assim como o escritor Graham Greene, que colaborou com os serviços secretos britânicos (SOE). Outros agentes secretos dos dois campos também se cruzaram nos lobbies dos hotéis Inglaterra, Paris e Miramar. Em Cascais, viveu ainda, entre outros, o conde Ivan Schouvaloff, um russo branco naturalizado holandês, que acabou por ser denunciado como espião nazi, por Dusko Popov (Triciclo).”
(in “Os anos de Salazar”, Vol. 6, Paço, António Simões et al.)

Diversos autores atribuem a Popov o engenho e a arte de ter inspirado Fleming para, anos depois, escrever uma das frases mais glosadas pelos cinéfilos – *I am Bond, James Bond* – usada pelo agente *Double O Seven*, em *Casino Royale*. A obra foi editada em livro (1953) e adaptada ao cinema (1967), com David Niven no papel principal. Dois anos depois, em Abril, o Estoril e Cascais foram os cenários escolhidos pela equipa de produção do filme “Ao Serviço de Sua Majestade” para a rodagem da cena do casamento entre Bond e Tracy.

Fleming confessou que a inspiração para “Casino Royale” lhe veio quando, numa das mesas de jogo do Casino Estoril, foi literalmente “limpo” por um “chefe da secreta alemã”. Em contrapartida, o almirante Godfrey, quadro superior dos serviços secretos da marinha inglesa, que acompanhou o prolixo agente-escritor durante a excursão lusa, sustenta que a verdadeira inspiração de Fleming resultou dos frequentes contactos que manteve no Casino Estoril com o “triciclo” Popov, o canivete suíço de três secretas europeias. Pelo Hotel Atlântico também passou o actor inglês Leslie Howard – Ashley Wilkes em “E Tudo o Vento Levou” (1939) – quando, em Abril de 1943, veio participar numa série de conferências sobre a indústria cinematográfica, no âmbito das actividades da

propaganda aliada em que estava envolvido. Howard era um dos passageiros do avião da BOAC (British Overseas Airways Corporation) que rumou de Lisboa para Londres, no dia 1 de Junho daquele ano, sendo abatido pelas forças alemãs quando sobrevoava o Golfo da Biscaia.

Para além de outros nomes ligados ao cinema, como Jean Renoir (*French Cancan, La Règle du Jeu*), e René Clair (*Quatorze Juillet, Les Belles de nuit*), os prazeres do casino e da praia do Tamariz foram igualmente fruídos por outras ilustres personalidades.

Stefan Zweig passou por cá, em 1938. Esteve hospedado durante três semanas no Hotel Atlântico. O romancista austríaco, filho de Moritz Zweig, um afluente industrial têxtil de origem judaica, aproveitou a estadia para tentar convencer os governantes portugueses a usarem parte de Angola para a criação de um Estado judaico. A tentativa fracassou, mas ilustra a percepção então existente sobre o papel de Portugal no concerto das nações – parte da solução e não parte do problema.

O Conde Maurice de Maeterlinck, Prémio Nobel da Literatura (1911), esteve no Monte Estoril (Grande Hotel), em 1939, escassos dias antes da abertura das hostilidades entre a Inglaterra e a Alemanha, a caminho do exílio nos Estados Unidos. O romancista belga, figura central do simbolismo europeu, estivera em Portugal poucos anos antes, a convite de António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), integrando a afamada Embaixada Cultural de escritores estrangeiros. Juntamente com Miguel de Unamuno, François Mauriac e outras personalidades da cultura europeia, Maeterlinck visitou e conheceu o que de melhor existia no país.

O aviador e escritor Antoine de Saint-Exupéri chegou ao Estoril em 1940. Depois de uns meses a viver no Hotel Palácio, escolheu uma vivenda, em frente ao casino, e fazia longas passeatas com um inseparável livro de apontamentos. Nela deverá ter sido visitado pela musa inspiradora de “O Pequeno Príncipe”. Dado à estampa, em 1943, num dos diálogos, o narrador refere a nostalgia sentida pelo príncipezinho:

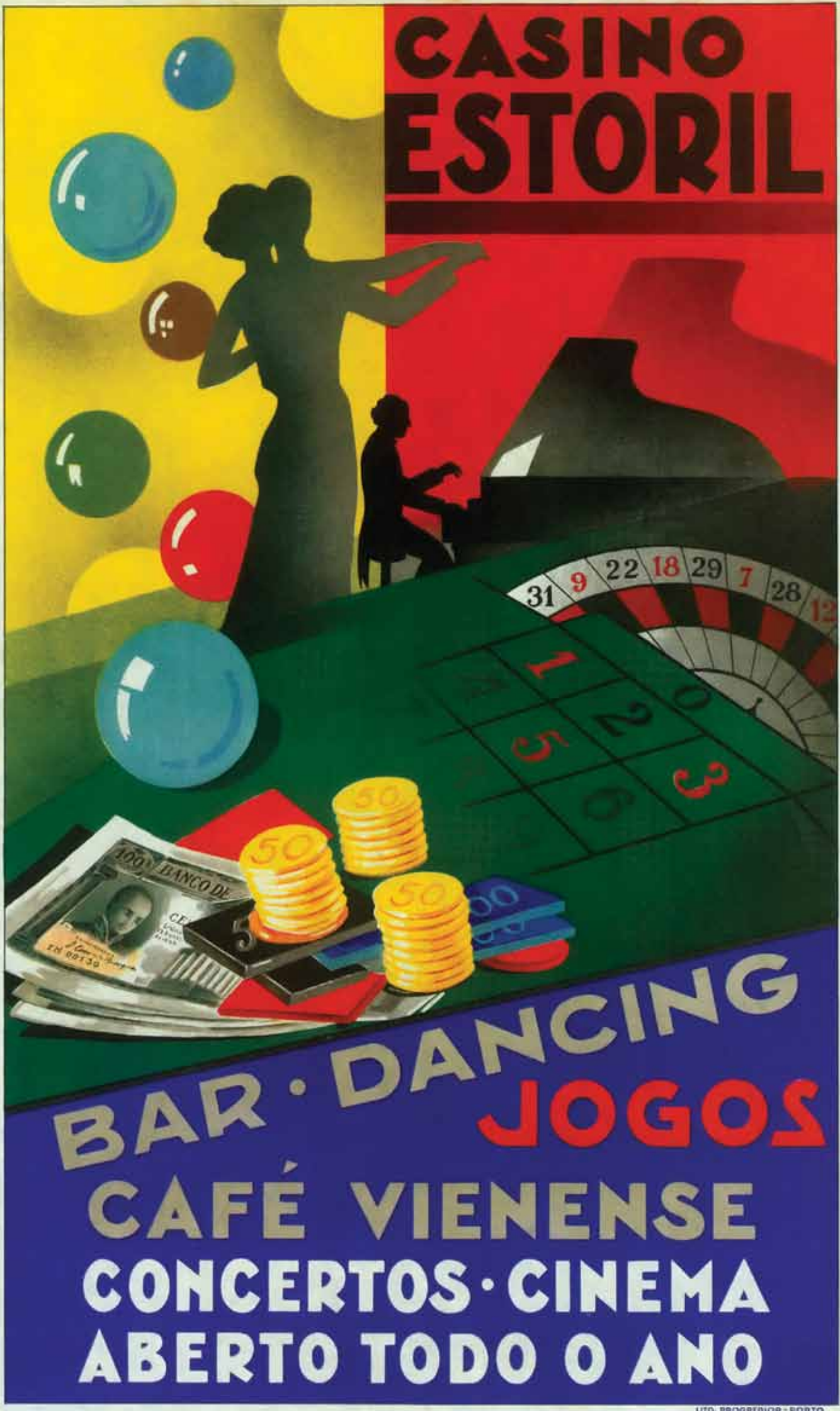
“Um dia eu vi o sol se pôr quarenta e três vezes! E um pouco mais tarde acrescentaste: Quando a gente está triste demais, gosta do pôr-do-sol... — Estavas tão triste assim no dia dos quarenta e três? Mas o príncipezinho não respondeu.”

Esta poderá ter sido uma das razões pelas quais o eterno vagabundo Saint-Exupéri descreveu Portugal como um “paraíso triste”, o que lhe valeu o epíteto de “ingrato” ao referir-se assim ao país que o acolheu e livrou das vicissitudes da guerra. Porém, ao que parece, tudo não passava da projecção de uma incontida saudade do seu país, a França, entretanto ocupada e amordaçada.



“007 Ao Serviço de Sua Majestade”

CASINO ESTORIL



BAR · DANCING
JOGOS
CAFÉ VIENENSE
CONCERTOS · CINEMA
ABERTO TODO O ANO

LITO. PROGREDIOR - PORTO

“A posição de Lisboa é única em muitos aspectos. É a única grande porta de saída entre a beligerante Europa e o mundo exterior. É a única ligação conveniente entre os países inimigos. É a única esperança de fuga para milhares de refugiados. É, à exceção de Estocolmo, a única grande capital europeia que ainda não foi obscurecida pelas nuvens da guerra. (...) Os hotéis do Estoril, à beira-mar, estão esgotados. Aqui não há racionamento de comida, não há cortes de energia, as conversas ocorrem sem censura e as praias estão desimpedidas de canhões, minas e arame farpado.”

“Lisbon – Gateway to Warring Europe”, Harvey Klemmer, in National Geographic Magazine, Vol. LXXX, nº 2, August 1941, pp. 259-274

Estoril, Economia e Diplomacia

O célebre economista britânico John Maynard Keynes, no princípio de Maio de 1941, passou uns dias em Portugal a caminho dos Estados Unidos onde iria participar num conjunto de importantes reuniões.

Delas, em 1944, resultou a assinatura do acordo de Breton Woods. O acordo formalizou a organização do sistema financeiro mundial do pós-guerra, assente na proposta monetária do pai do *keynesianismo* – *Proposals for an International Currency Union* – escrita em 8 de Setembro de 1941.

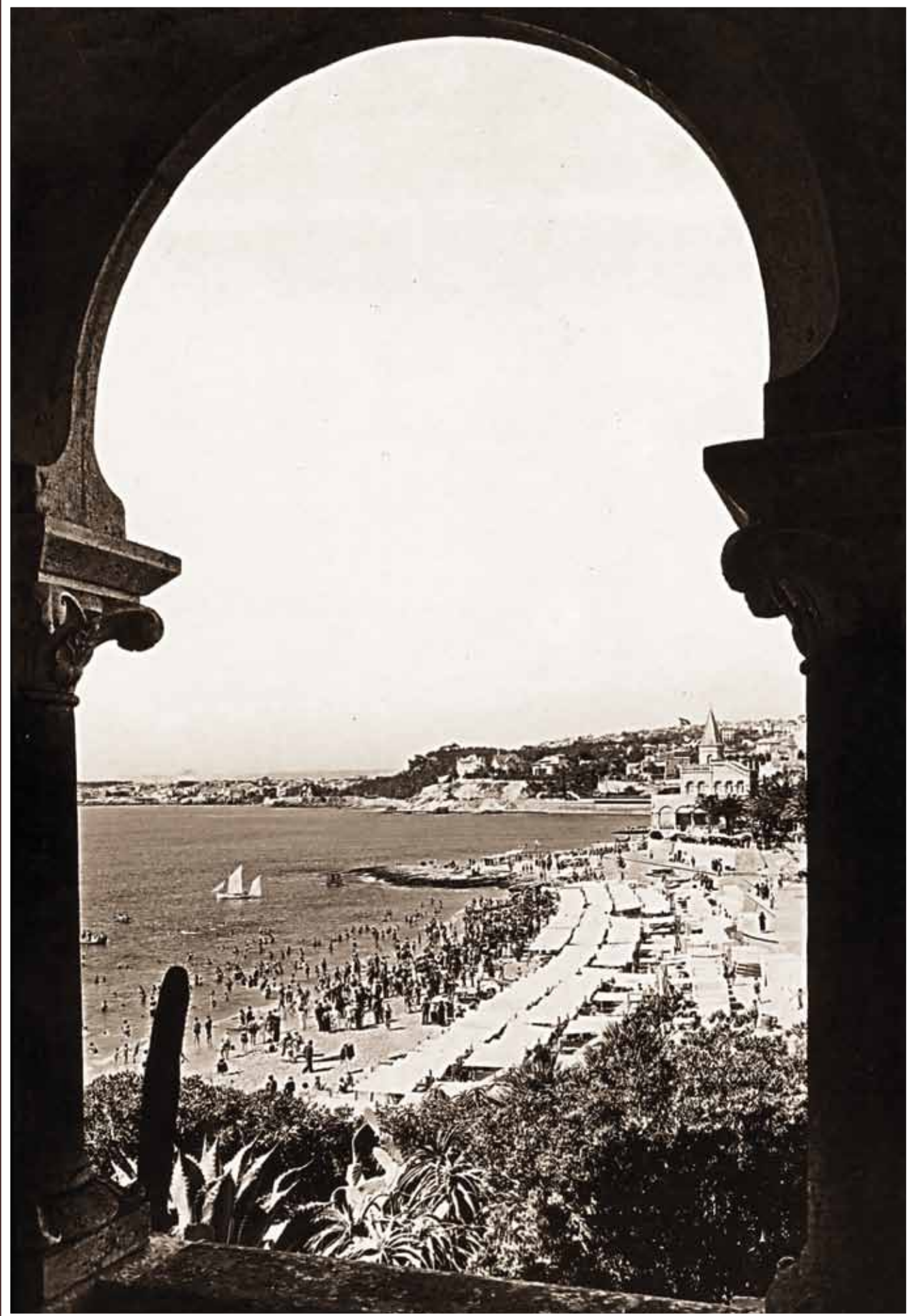
Keynes, a mulher Lydia, um pequeno grupo de colaboradores e quadros do Banco de Inglaterra estiveram hospedados no Estoril. Segundo um dos seus biógrafos a estadia foi aproveitada para “para passear, comer bem (...) e discutir questões financeiras”. Um dos interlocutores foi o vice-governador do Banco de Portugal, Álvaro de Souza.

“O Vice-governador concordava com Lord Keynes quanto à necessidade de uma solução multilateral

para os problemas de pagamentos internacionais, e entendia caber às Grandes Potências a liderança na apresentação de propostas, de modo a que no final da guerra houvesse soluções amadurecidas que pudessem ser postas em prática sem perda de tempo. (...) Nessa preocupação, que estava longe de ser consensual mesmo nos países proponentes dos chamados planos Keynes e White, Álvaro de Souza alinhava com a minoria esclarecida que pensava nas regras de uma economia internacional integradora das economias nacionais”, escreveu Joaquim da Costa Leite, da Universidade de Aveiro, em “Keynes e Portugal: Uma Escala de Viagem e Três Cartas Inéditas (1941-43)”.

Os assuntos debatidos entre ambos continuam mais quentes que nunca: “Quanto às soluções concretas, porém – acrescenta Costa Leite – o vice-governador defendia a criação de um Super Banco Central, com participações baseadas em ouro, dispensando a criação de uma nova unidade monetária. O vice-governador considerava







que um sistema financeiro generoso na concessão de crédito, e desvinculado da referência ouro, não dava garantias de responsabilidade dos governos. (...) Tal como acontecia com John Maynard Keynes e Harry Dexter White, as “soluções técnicas” defendidas para o sistema internacional por Álvaro de Souza eram pensadas numa perspectiva nacional. Seguro das reservas de ouro e divisas do Banco de Portugal, reflectindo na experiência histórica recente de irresponsabilidade orçamental e inflação descontrolada, o vice-governador preferia um sistema conservador assente na garantia ouro.”

O Hotel Atlântico também alojou proeminentes figuras da diplomacia mundial, ainda que desconhecidas da maior parte da opinião pública. Um deles, o norte-americano George F. Kennan, um dos principais arquitectos da Guerra-fria, em meados de 1943, negociou com o governo de Salazar a cedência de facilidades logísticas navais e aero-portuárias aos aliados, nos Açores. Das negociações, iniciadas naquele ano, resultou a assinatura, em 28 de Novembro de 1944, entre Lisboa e Washington, do acordo que autorizou os Estados Unidos a construir e usar uma base naval e aérea na ilha de Santa Maria (Base das Lajes).

Outro distinto diplomata, Herman Kasper, do Departamento de Estado dos EUA, esteve hospedado no hotel do Monte Estoril, durante vários meses, quando, a partir de 1945, acompanhou o processo de ocupação das instalações alemãs em Portugal e negociou, no ano seguinte, os acordos que regularizaram a posse dos imóveis e do ouro germânicos.

Entre os hóspedes de nacionalidade alemã destacou-se ainda Hans Weber coordenador da rede de contrabando de volfrâmio, que esteve alojado no Hotel Atlântico, em várias ocasiões e por períodos prolongados. O registo da primeira estadia data de 7 de Outubro de 1942. Weber foi um dos principais negociadores germânicos na operação de liquidação dos bens alemães em Portugal, iniciada em 1944.

“Quem hoje [1943] frequenta o Casino do Estoril e não conheceu o Casino do Monte Estoril, não faz ideia de como era elegante, selecta, aparatosa, uma tarde ou uma noite de casino, no Casino Internacional.

Profusão de vestidos de Paris, jóias, chapéus emplumados, maneiras de grande tom, e sobre cada cabeça uma etiqueta de pessoa conhecida, quase sempre aristocrata e sem-pre muitíssimo ‘chic.’”

In “Memórias da Linha de Cascais”, Branca de Gonta Colaço e Maria Archer, 1943

O primeiro casino a abrir as suas portas na “Costa do Estoril” foi o Internacional, em 1931, no edifício onde, posteriormente, haveria de nascer o Hotel Miramar. “Gente da primeira sociedade de Lisboa e a fina-flor dos veraneantes da Costa do Sol encheram completamente o Casino. E a festa foi brilhantíssima”, escrevia no dia seguinte, 16 de Agosto, o Diário de Notícias. Destacaram-se a orquestra composta por primeiras figuras da Sinfónica da Emissora Nacional, Manuela Pinto Basto, cantora lírica do elenco do São Carlos, e a Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.

“Tarde, perto da meia-noite – prossegue o repórter – principiou o concerto, na sala de espectáculo”. (...) Muita gente, que não cabe na sala de espectáculo, enche os restantes salões do Casino. Anseia-se pelo baile. E o baile principia tarde. Mas dança-se com extraordinária animação. E assim continuará até alta madrugada, que a noite é de festa, uma concorridíssima e brilhante festa de caridade, em que estiveram no Casino Estoril milhares e milhares de pessoas.”

Ontem como hoje o casino continua a ser descrito como “a sala de visitas” do turismo português. Para além de continuar a ser o maior da Europa, hoje assume-se como um vasto complexo de animação e lazer.

O rol de celebridades continua a ser a sua imagem de marca. De Fred Astaire a Elis Regina, passando por Elton John, nomes grandes do music-hall internacional continuam a afluír ao Estoril projectando a imagem externa da região e valorizando os seus principais activos – as praias, o património imobiliário e arquitectónico, a gastronomia, os equipamentos urbanos, os desportos para as elites e de alta competição – hipismo, golfe, ténis, automobilismo e motociclismo.

É neste ambiente, carregado de histórias e de memórias, de bom gosto, cosmopolitismo e sofisticação que, em 2010, o Hotel Atlântico vai passar o testemunho ao Edifício Atlântico Estoril Residence.



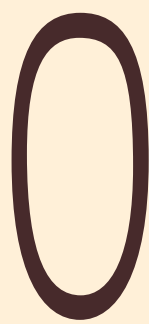


* Proposta apresentada à Câmara Municipal de Cascais para futura construção de rotunda.



Espaço e Luz e Ordem. Estas são as coisas que o ser humano precisa tanto quanto de pão ou de um lugar para dormir.

Le Corbusier



A IDEIA

Os promotores apostaram na recuperação do glamour e do prestígio conquistados pelo octogenário Hotel Atlântico.

A equipa de arquitectos liderada por João Paciência encarregou-se de desenvolver uma proposta estético-criativa assente no conceito "Recriar uma Imagem, Reinventar um Espaço".

O restabelecimento da tradição hoteleira, aliado à criação de unidades imobiliárias para residentes permanentes, foi o ponto de partida.

A qualidade da construção, a nobreza dos materiais utilizados e as inovadoras soluções arquitectónicas concedem-lhe uma dimensão única.

Esta é verdadeira quinta-essência da oferta imobiliária e hoteleira estorilense no plano nacional e internacional.

A localização confere-lhe um estatuto também único no tempo e irrepetível no espaço.

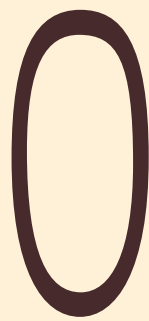






*“A primeira qualidade do estilo é a clareza.
O belo é o esplendor da ordem.”*

Aristóteles



O CONCEITO

projecto integra um conceito inovador para o reposicionamento estratégico da unidade, assente na materialização de um sofisticado espaço

hoteleiro integrado num contexto residencial de alto luxo.

As soluções passaram pela criação de uma nova “pele”, em vidro. Do lado da marginal, as “almofadas” ajardinadas ajudam ao controlo acústico do ruído de trânsito e permitem uma nova visualização tangencial do novo edifício.

Do lado do oceano, rasgaram-se as vistas sobre o mar, com grandes varandas e terraços, usando-as como antecâmaras das generosas áreas interiores. A cobertura do edifício, cor verde-mar, é o elemento integrador da “quinta fachada”.

Pequenos pátios à inglesa, luz e ventilação naturais e palmeiras de fuste elevado são pinceladas de requinte que ilustram o boulevard de acesso ao empreendimento.

Sobriedade e subtilidade são constâncias conceptuais, em sintonia com o meio ambiente, a cultura e a história do lugar.





*“Vossa casa não será uma
âncora, mas sim um mastro.
Vossa casa é a extensão de
vosso corpo.”*

Khalil Gibran

A

AS RESIDÊNCIAS

As unidades residenciais ocupam os pisos superiores do edifício. Um conjunto composto por 25 apartamentos com qualidade premium e de grandes dimensões. As tipologias vão do T2 ao T5 e as áreas oscilam entre os 185 e os 405 metros quadrados.

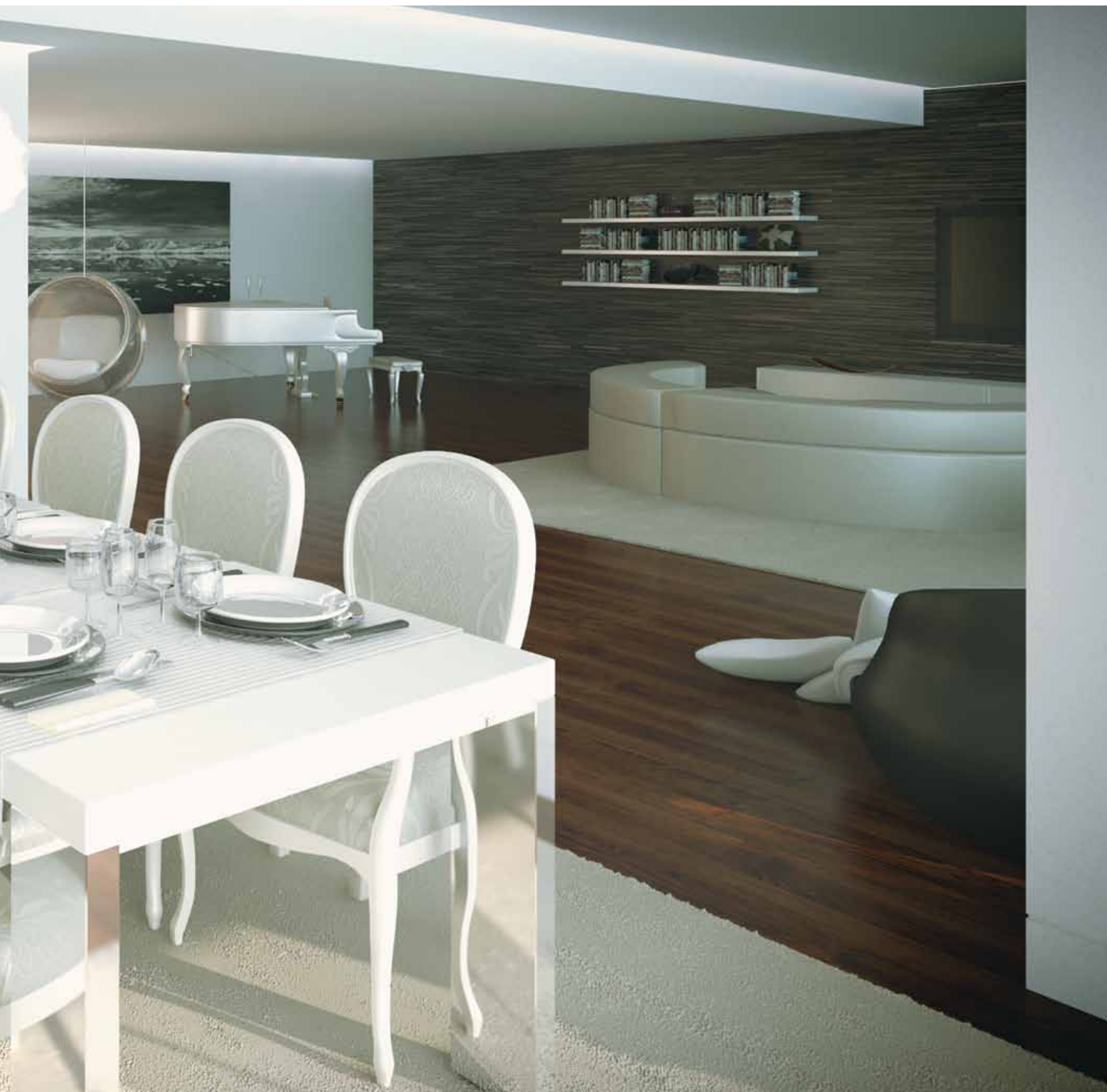
Nos três primeiros pisos residenciais situam-se os apartamentos de menores dimensões (T2, T3 e T4), garantindo o compromisso de privilegiar a relação dos principais espaços com os amplos terraços do lado do mar. No piso 6 as tipologias são um T2, um T3, dois T4 e um T4+1. Nos pisos 7 e 8 as tipologias são dois T4 e dois T4+1.

Todas as residências desfrutam de amplas vistas para toda a orla marítima, também possíveis das cozinhas e casas-de-banho dos apartamentos.

O estacionamento atribuído a cada módulo residencial varia entre os 2 e os 6 lugares. Os residentes beneficiam da prestação integrada dos serviços do hotel e de todas as suas infra-estruturas (SPA, restaurante, bar, piscinas, etc.).

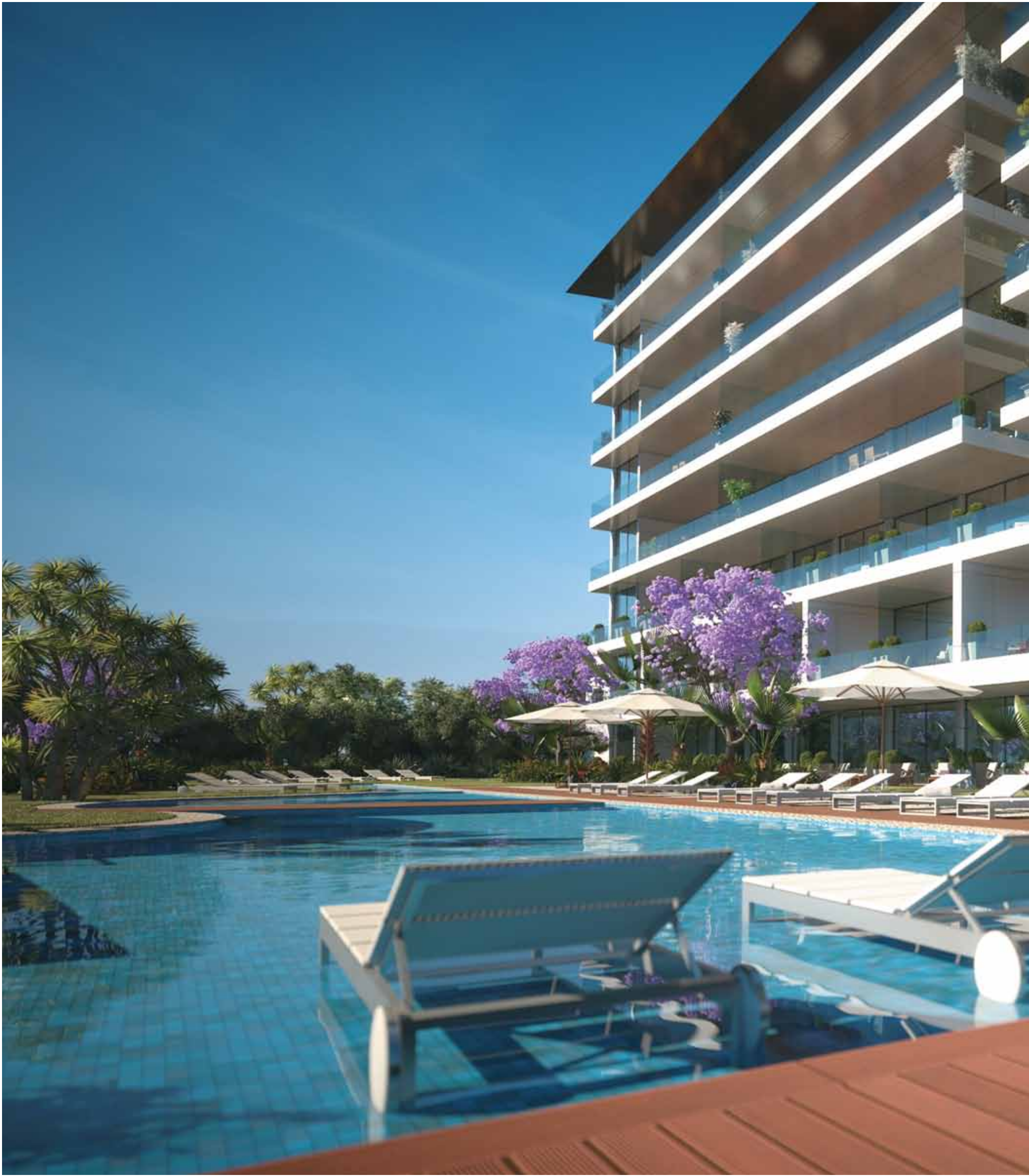
















“Menos é mais.”

Mies van der Rohe

A

O HOTEL

unidade hoteleira de 5 estrelas, foi concebida para integrar todas as valências topo de gama indispensáveis num espaço turístico de alto luxo no século XXI.

O hall de entrada reflecte a osmose entre a marginal e o mar promovida pelo vidro, pelas fachadas oceânicas e por dois terraços ajardinados, abertos a nascente e a poente.

Modernos elevadores panorâmicos ajudam a ampliar percepções de estilo, de requinte e de

qualidade. Os materiais e a sobriedade das cores também contribuem para gerar uma atmosfera requintada e tranquila.

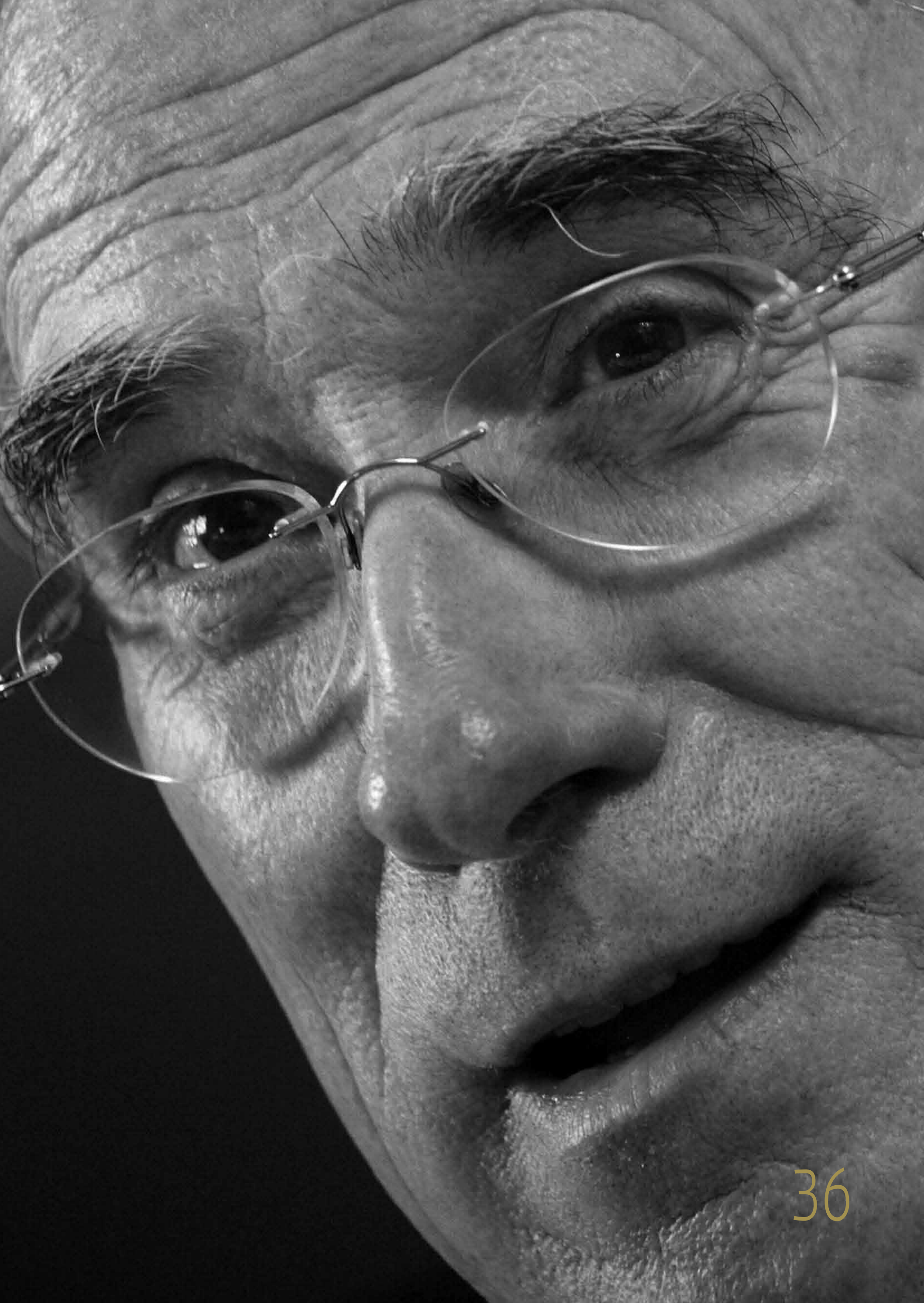
Nos dois primeiros pisos, entre várias áreas ajardinadas, para além do spa, existe um restaurante, um coffe-shop e toda uma frente de quartos (TO), virada para o mar, com vista e acesso para a piscina exterior de água salgada. O piso cave acolhe as zonas técnicas de apoio a todo o edifício e os amplos espaços de estacionamento para os residentes permanentes e os clientes do hotel.

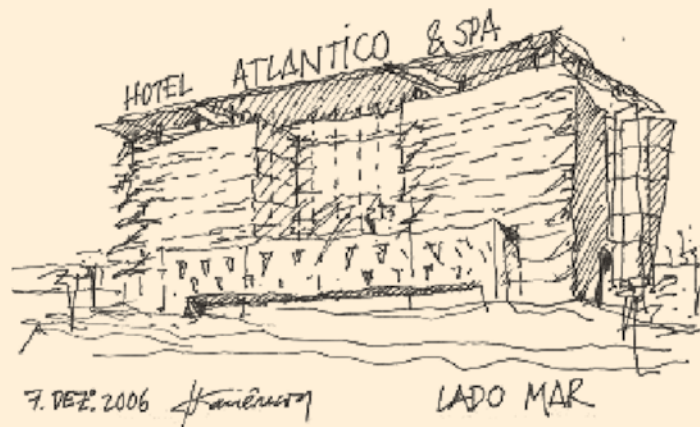


“De todos os sentidos, a vista é o mais aparente, o ouvido o mais orgulhoso, o olfacto o mais voluptuoso, o gosto o mais inconstante, o tacto o mais profundo.”

Diderot

Room service (para residentes e clientes do hotel) • SPA, com banho turco, sauna, hidro-massagem, aromaterapia e ginásio • Business center com comunicações wireless banda larga • Piscinas (interior e exterior) • Restaurante, bar e esplanada





“ **O**s primeiros desenhos que fizemos para a abordagem conceptual da transformação deste edifício datam de Dezembro de 2006. Havendo que manter a escala e as proporções volumétricas do existente, a nossa primeira ideia foi a de procurar descobrir no volume actual as regras para a transformação desejada, inserindo novos elementos na composição e na sua metamorfose, descobrir uma nova imagem.

Propõe-se uma imagem muito marcada pelas grandes áreas em vidro dos vãos e varandas que delimitam os apartamentos a sul, sendo revestidas a alucobond as empenas mais fechadas a nascente e poente, assim como toda a moldura das coberturas que aqui se assumem claramente como uma verdadeira quinta fachada.

Pretendemos garantir como já foi dito atmosferas de grande elegância e requinte em todos os espaços exteriores e interiores, com dominância para madeiras de tons escuros contrastando com mármore branco e paredes interiores de tons suaves, mas sempre dialogando com os enquadramentos da baía de Cascais e do mar.

Esta preocupação de garantir transparências é ainda prolongada para o desenho de casas de banho que entendemos se devam conjugar de maneira muito aberta com os quartos e pensadas mesmo como autênticas zonas de vestir, prolongando a dimensão visual das zonas íntimas de repouso. ”

João Ângelo Rodrigues Paciência nasceu em Mora, no Alto Alentejo.

Cursou o ensino secundário no Liceu Nacional de Portalegre.

É diplomado em Arquitectura (1970), pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Desde 1982 tem gabinete próprio. Antes foi colaborador de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas (1970-74). Com ambos, partilhou a autoria do Plano de Pormenor do Alto do Restelo.

Trabalhou com o arquitecto Vassalo Rosa, no Fundo de Fomento de Habitação, como arquitecto-chefe no Plano Integrado de Almada – Monte Caparica (1975-80).

Foi assistente da cadeira de Projecto, na Faculdade de Arquitectura da UTL (1982-93) e no Departamento de Arquitectura da Universidade Lusíada (1986-90).

Ao longo da carreira foi distinguido com vários prémios e distinções:

Menção Honrosa do Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura 1988 atribuído aos Edifícios do Alto do Restelo (Lisboa).

Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura 1994 atribuído aos Edifícios Habiparque em Telheiras (Lisboa).

Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura 2001 atribuído ao Edifício Atrium Saldanha (Lisboa).

Prémio Municipal de Arquitectura Cidade de Almada 2006 atribuído ao Edifício Blocos Cantial (Aldeia dos Capuchos).

Comenda da Ordem de Santiago e Espada, atribuída em 14 Fevereiro de 2006 por Sua Excelência o Presidente da República Dr. Jorge Sampaio.



ATLÂNTICO ESTORIL
Residence

